INTERAÇÃO EM PSICOLOGIA

Apresentação de trabalhos em eventos científicos - comunicação oral e painéis: uma atualização

Rafael Vilas Boas Garcia

Marcelo Henrique Oliveira Henklain

João dos Santos Carmo

Paulo Sérgio Teixeira do Prado

RESUMO

A comunicação científica é entendida como um fator essencial para a ciência e possibilita sua evolução constante. Para além da divulgação oral e dos pôsteres, amplamente utilizados em congressos, o uso da comunicação científica virtual, que já vinha se intensificando naturalmente, ganhou novo impulso com a pandemia de COVID-19, pela necessidade de divulgação em tempos de isolamento social. Entretanto, ainda que exista literatura bem fundamentada a respeito da comunicação oral e dos pôsteres, é necessário propor novas diretrizes de comunicação científica que contemplem as possibilidades atuais. O presente artigo tem como objetivo descrever as principais características e modos de execução da comunicação oral, pôsteres e da divulgação virtual, voltado principalmente para iniciantes. Para tanto, foi feita referência a uma literatura de grande influência na área da comunicação científica, aliada com as atualizações deste fenômeno ocorridas nos últimos anos citadas por autores nacionais e internacionais. Além da contextualização com eventos inovadores no uso de tecnologias de informação e divulgação virtual, ressalta-se que não foram abordadas todas as facetas da comunicação científica e sim um quadro geral que possibilitasse aos leitores refinarem seu repertório nesse campo.

Palavras-chave: Comunicação científica, divulgação online, web conferências, plataformas de interação, e-pôsteres.

ABSTRACT

Presentation of papers at scientific events - oral communication and panels: an update

Scientific communication has been seen as an essential factor for science and enables its constant development. Besides oral presentations and posters, widely used in congresses, the use of virtual scientific communication, which was already on the rise, intensified even further with the advent of the COVID-19 pandemic, due to the need for dissemination in times of social isolation. However, even though there is well-founded literature regarding oral communication and posters, it is necessary to propose new guidelines for scientific communication that consider current possibilities. This article aimed to describe the main characteristics and methods of execution of oral communication, posters, and virtual dissemination, aimed mainly at beginners. To this end, reference was made to highly influential literature in the field of scientific communication combined with updates on this phenomenon that have occurred in recent years, as cited by national and international authors. In addition to the contextualization with innovative events in the use of information technologies and virtual dissemination, it is noteworthy that not all facets of scientific communication were covered, but rather a general framework to help readers refine their repertoire in this field.

Keywords: Scientific communication, online dissemination, web conferences, platforms of interaction, e-posters.

Sobre os Autores

R. V. B. G.
orcid.org/ 0000-0001-5714-7028
Universidade Federal de Roraima (UFRR) – Boa Vista, RR
rafael.garcia@ufrr.br

M. H. O. H.
orcid.org/ 0000-0001-9884-8592
Universidade Federal de Roraima (UFRR) - Boa Vista, RR
marcelo.henklain@ufrr.br

J. S. C.
orcid.org/ 0000-0003-3913-7023
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos, SP
jcarmo@ufscar.br

P. S. T. P.
orcid.org/0000-0002-2246-5226
Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Marília, SP
paulo.prado@unesp.br

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.

Fazer ciência requer o desenvolvimento de pesquisas e a sua comunicação, que é uma de suas várias etapas. Sendo a ciência uma atividade social, cabe ao cientista possibilitar um amplo debate de suas ideias, descobertas e teorias. Crespo e Rodrigues (2011) entendem a comunicação científica como um fator essencial para que a ciência tenha aperfeiçoamento constante.

De modo análogo à investigação científica, a comunicação também se fia em métodos (Crespo & Rodrigues, 2011). Há padrões e normas lógicas que definem a estrutura de apresentação das informações, cuja finalidade é garantir a qualidade formal dos documentos e o convencimento da comunidade em relação às conclusões que o pesquisador está apresentando (Volpato, 2010).

Na literatura brasileira, o artigo de Carmo e Prado (2005) expõe as principais características e modos de execução da comunicação oral e da exposição de pôsteres em eventos científicos. Os autores oferecem um conjunto de orientações úteis voltadas principalmente aos iniciantes em pesquisa científica. Desde a sua publicação, diversos autores vêm utilizando-o como fundamentação para o desenvolvimento de materiais para comunicação científica (e.g., Barbosa et al., 2010; Bezerra, 2014; Faria et al., 2019; Ferreira et al., 2011; Lacerda et al., 2008; Longo et al., 2009; Marchiori et al., 2006; Martins, 2013; Oliveira et al., 2014; Rodrigues et al., 2018; Rodrigues et al., 2019; Rust & Bernardo, 2016).

Além da comunicação oral e dos pôsteres, amplamente utilizados em congressos, o avanço tecnológico expandiu as possibilidades da comunicação científica de modo virtual (Gomes, 2014). Esse fato modificou a forma de interação entre os cientistas (Freitas et al., 2014). Há que se notar, inclusive, que o isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19 gerou um efeito impulsionador no emprego dessas tecnologias em eventos científicos. Frente a essa realidade, objetivamos descrever as principais características das modalidades de comunicação científica, seja presencial ou virtual, como videopôsteres, web conferências, plataformas de divulgação e interação científica e propor diretrizes para a prática da comunicação científica.

O que fazemos na comunicação científica, seja em um artigo, em uma comunicação oral ou em um pôster, cumpre um papel que vai além da visibilidade a uma pesquisa realizada. Trata-se de submetê-la à apreciação da comunidade científica, de modo que se possa avaliar a consistência entre os objetivos propostos, o método pelo qual se decidiu persegui-los, os resultados alcançados e as conclusões extraídas. Esses elementos de uma pesquisa, combinados com os dados coletados, é que fornecerão a base lógica e empírica sobre a qual se fundamentará o conhecimento produzido e sua possível aceitação pela comunidade científica. Tudo isso define, portanto, o foco da nossa atenção no planejamento da comunicação científica, independentemente do veículo ou modalidade pelo qual o faremos (Volpato, 2010).

É nessa perspectiva que apresentaremos alguns apontamentos preliminares sobre o trabalho de comunicação científica oral auxiliada por slides e por recursos de um pôster, tanto na modalidade presencial como na virtual. Informações específicas sobre tipos de apresentação oral (palestras, comunicação oral, mesa redonda etc.), podem ser obtidas nos artigos de Carmo e Prado (2005) e Foster et al. (2019).

CERNE DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

De acordo com Carmo e Prado (2005), Foster et al. (2019) e Koller et al. (2014) é fundamental descrever o objetivo da pesquisa, o método, os resultados e a discussão desses resultados. O método descreverá a população estudada, as condições gerais em que se deu a coleta de dados e as técnicas para analisá-los. Em resultados e discussão, que podem ser apresentados juntos ou separados, é indicado descrever os principais achados da pesquisa, os quais fornecem os fundamentos para responder às perguntas do estudo e interpretá-los à luz da teoria adotada, discutindo a relação de confirmação ou de refutação entre os dados obtidos e as hipóteses iniciais, quando pertinentes. Na conclusão, o expositor deve fornecer indicações quanto à continuação do estudo, apontando prováveis lacunas que não foram preenchidas e possíveis alternativas para fazê-lo.

MODALIDADE ORAL AUXILIADA POR *SLIDES*

Na modalidade oral, é bastante comum o uso de recursos audiovisuais para facilitar a comunicação com o público, geralmente por meio da apresentação de slides. Entretanto, Koller et al. (2014) ressaltam que seu uso deve ser compreendido como “pistas” pelos apresentadores, para que, com isso, possam fornecer esclarecimentos para a audiência, exibir tabelas, figuras etc. É importante manter sincronia entre a apresentação oral e a exposição dos *slides*, entretanto, estes não devem ser usados como material de leitura pelo expositor, pois tal atitude pode tornar a apresentação cansativa e denunciar falta de preparo e compromisso. Consequentemente, recomenda-se usar o mínimo possível de informações escritas, de modo que a apresentação seja fluida e não crie concorrência entre a fala e o que é projetado (Carmo & Prado, 2005). No entanto, não se exclui a possibilidade de se flexibilizar essa recomendação, a depender de características específicas de algumas áreas da ciência, podendo ser substituída por outros recursos, como o Pôster Quis[1] (ver Rodrigues et al., 2019).

Antecipando possíveis imprevistos com os equipamentos, recomenda-se salvar a apresentação em diferentes locais (*pendrives*, nuvem, e-mail etc.). Outra estratégia é ter os *slides* impressos e disponibilizá-los para o público, caso necessário

(Koller et al., 2014). Nos eventos, as apresentações de *slides* geralmente são selecionadas de uma unidade USB ou da nuvem. Todavia, é aconselhável confirmar com a organização (Ranse & Hayes, 2009), havendo a possibilidade, inclusive, de enviar a apresentação por e-mail.

Sobre a produção dos *slides*, atualmente não existe normativa brasileira definitiva para sua confecção na comunicação científica. Porém, na literatura, encontram-se dicas e sugestões para sua confecção. A respeito da fonte, Koller et al. (2014) indicam uso de fonte grande (44 pt para títulos e 24 pt para o corpo do texto), do tipo *sansserif* (por exemplo, Arial e Verdana). Carmo e Prado (2005), assim como Ranse e Hayes (2009), também recomendam letras grandes e dão como exemplo a fonte *Times New Roman* em tamanho 48 para títulos e 32 para o texto, ou Arial, com tamanho de 26 a 30, respectivamente.

Harolds (2012), ao tratar sobre preparação de *slides*, apresenta algumas opções para construção do material visual a ser empregado, tais como a) utilização de imagens (de uso aberto, sem direitos autorais reservados) alinhadas com a proposta da fala (sem ser concorrente à fala, mas, sim, complementar); (b) gráficos ou tabelas (novamente, complementares à fala); c) animações ou vídeos (neste caso, a indicação não está declarada, mas, sim, implícita) intercalados com a fala; (d) qualidade dos recursos visuais (evitar poluição visual ou imagens em baixa qualidade, por exemplo, prejudicando o entendimento do que é proposto).

A respeito da escolha do programa para produção dos *slides*, segundo Moulton et al. (2017), há prevalência do PowerPoint. Entretanto, há vários outros programas, como o Prezi, o Canva e o SlidesCarnival, sendo eventualmente considerados mais adequados tanto em termos de usabilidade, como também em termos de satisfação do público quanto à qualidade do resultado, mas as pesquisas ainda não definiram as indicações definitivas sobre o tema (Koller et al., 2014; Moulton et al., 2017)

Sobre a quantidade de *slides*, esta deve ser proporcional ao tempo de apresentação, variando de um a dois minutos por *slide* (Koller et al., 2014; Ranse & Hayes, 2009). Ou seja, caso você tenha 10 minutos de apresentação oral, sua exposição deverá contar com um número de 5 a 10 *slides*.

Atenção especial deve ser dispensada aos direitos autorais (ver Lei Nº 9.610, Brasil, 1998), inclusive no que diz respeito ao uso de imagens e ilustrações (Ranse & Hayes, 2009). Verifique, portanto, a existência de avisos (autorizando ou não o uso) em imagens e ilustrações e, ao divulgar fotografias pessoais, busque autorização por escrito de todas as pessoas reconhecíveis na foto. Caso isso não seja possível, dê preferência a imagens em que as pessoas aparecem de costas ou cubra/desfoque seu rosto, para impedir que sejam reconhecidas. Uma alternativa é acessar bases de imagens, áudios e vídeos de domínio público, tal como o Pixabay, onde se encontram facilmente imagens que não são protegidas por direitos autorais.

O conteúdo dos *slides* deve ser conciso e pontual. Ranse e Hayes (2009) e Harolds (2012) recomendam a seguinte estrutura: um *slide* para o título; um para os agradecimentos, incluindo a agência de fomento, quando for o caso; um para a visão geral da apresentação (descreva a progressão de sua apresentação em cada etapa); um para apresentar a literatura atual e justificativa da pesquisa; um para descrever os objetivos da pesquisa; um para o método da pesquisa; um ou mais para os resultados, a depender da utilização de figuras, gráficos e tabelas; um para as limitações da pesquisa; um para a conclusão, outro para recomendações, se pertinente e outro para as referências bibliográficas, as quais deverão estar de acordo com as normas adotadas pela organização do evento. A listagem dos autores e a ordem dos *slides* devem ser iguais às do resumo submetido ao evento (Foster et al., 2019).

Carmo e Prado (2005) alertam, ainda, para a utilização excessiva de recursos 3D, animações e efeitos de som. Além disso, é importante seguir um padrão para as fontes, diagramas, setas, conectores, entre outros recursos gráficos usados na apresentação. É importante, também, atentar-se para a simetria vertical e horizontal dos *slides* e escolher cores mais claras para o fundo e escuras para a fonte, de modo que a leitura seja visualmente confortável (Carmo & Prado, 2005; Foster et al., 2019; Koller et al., 2014).

Junto aos *slides*, é usual que apresentadores usem apontadores como ferramenta para acionar a mudança de *slide* e para destacar um item no *slide* para o qual almejam direcionar a atenção do público. Quanto ao seu uso, recomenda-se focar o facho de luz e fazer movimentos lentos e suaves, buscando destacar palavras, informações de ilustrações, gráficos etc., evitando-se movimentos rápidos e muito repetitivos, pois podem confundir o público e gerar distração.

Outro dispositivo usual em apresentações na modalidade oral é o microfone. Ele pode ser segurado a cerca de 15 cm à frente da boca, devendo o apresentador falar com tom de voz natural e afastar o microfone caso precise tossir, espirrar etc. ou, ainda, se for necessário falar algo "fora" da apresentação, como pedir ao membro da equipe de apoio para avançar o *slide* ou aumentar o volume (Carmo & Prado, 2005).

Finalmente, em uma apresentação na modalidade oral "é extremamente importante a utilização de linguagem clara, objetiva, gramaticalmente correta e permeada da terminologia própria da área de conhecimento à qual vincula-se o trabalho" (Carmo & Prado, 2005, p. 7). O emprego de uma linguagem profissional, gramaticalmente correta e livre de vícios, como "né", "tá", "então", confere credibilidade ao trabalho apresentado (Koller et al., 2014). Por isso é recomendável que o apresentador elabore um roteiro e ensaie sua fala com colegas e professores, tentando antecipar

possíveis questões e as respectivas considerações a respeito. Essas práticas podem também ajudar a reduzir o nervosismo na apresentação. É preciso tomar cuidado também com termos que podem ser interpretados como sexistas, racistas ou preconceituosos. Sendo o caso, recomenda-se ser sincero e dizer que não possui a resposta para alguma pergunta/colocação, pois isso demonstra honestidade intelectual (Carmo & Prado, 2005; Koller et al., 2014).

MODALIDADE ORAL AUXILIADA POR PÔSTER

O pôster "nada mais é do que um cartaz contendo elementos gráficos (texto e ilustrações) que sintetizam o conteúdo do trabalho a ser apresentado" (Carmo & Prado, 2005, p. 7). O objetivo principal de um pôster é atrair a atenção para o tema de pesquisa apresentado, por isso seu conteúdo deve ser claro e sua estética simples e atrativa (Koller et a., 2014).

Os pôsteres são um importante recurso de comunicação científica (Karamzadeh et al., 2009; Woolston, 2016). Algumas vantagens de sua utilização são: possibilidade de expor e defender, de maneira rápida e clara, as ideias centrais de uma pesquisa e seu formato pode poupar o expositor do estresse gerado em uma apresentação oral tradicional. Infelizmente, contudo, "ainda falta um consenso na área acadêmica de normas que guiem a produção, publicação e avaliação de pôsteres científicos" (Koller et al., 2014, p. 154), o que pode deixar algumas pessoas inseguras quanto ao seu uso (Pereira & Oliveira, 2007). Considere que, em geral, a seção de painéis conta com um alto número de trabalhos sendo apresentados ao mesmo tempo e um grande fluxo de pessoas. Além disso, é grande o volume de informações com que o público lida e são muitos os estímulos distratores no ambiente, sem contar que a plateia precisa ler os pôsteres em pé. Devido a esses fatores, você deve planejar um pôster que apresente de modo rápido e claro as principais ideias de seu trabalho (Koller et al., 2014), aumentando as chances de ele ser visto e apreciado pelo público. Portanto, o pôster deve ser composto por pouco texto e muita ilustração, pois trata-se de um recurso eminentemente visual, cuja apresentação precisa ser a mais intuitiva possível (Carmo & Prado, 2005; Pereira & Oliveira, 2007). Woolston (2016) sugere buscar como referência os programadores visuais (*designers*) de pôsteres premiados em eventos. Além disso, recomenda-se que a quantidade de palavras seja similar à de um resumo (Woolston, 2007), não ultrapassando 800 palavras (Koller et al., 2014), concentrando-se em dois ou três pontos-chave (Miller, 2007). A seguir, apresentamos uma série de recomendações úteis para a confecção de um bom pôster.

PLANEJAMENTO

A construção de um bom pôster requer um planejamento inicial composto por três passos: (1) verificar as dimensões do pôster requeridas pelo evento no qual ele será exposto; (2) adequar a linguagem ao público-alvo; (3) fazer um esboço do que será apresentado para começar o processo de seleção de informações principais que deseja apresentar. A seguir são fornecidos mais detalhes sobre cada passo aqui listado.

A respeito das dimensões dos pôsteres, a NBR 15437 (Associação Brasileira de Normas Técnicas [ABNT], 2006) recomenda que eles sejam impressos com largura de 0,60 m até 0,90 m e altura de 0,90m até 1,20 m. Entretanto, busque junto à organização do evento quais as dimensões exigidas, bem como se há determinação de um formato específico (horizontal ou vertical). Em geral, o tamanho sugerido em eventos é de 0,90 m de largura por 1,00 m de altura. Já sobre o formato, quando não é exigido um padrão de orientação, o mais recomendável é o vertical (Marconi & Lakatos, 2005; Miller, 2007). Sobre o esboço, Koller et al. (2014) indicam que se rascunhe a estrutura dos principais pontos a serem tratados na sua apresentação para facilitar a identificação de informações que o pôster deve contemplar. Isso pode ser feito em papel ou usando um *software*, de acordo com sua preferência.

ESTRUTURA DO PÔSTER CIENTÍFICO

De acordo com a NBR 15437² (ABNT, 2006), um pôster científico é composto pela seguinte estrutura: Título (obrigatório); subtítulo (opcional); autor (obrigatório); informações complementares (opcional); resumo (opcional); conteúdo (obrigatório); referências (opcional).

Título. O título deve sintetizar todo o trabalho (Carmo & Prado, 2005) e identificar seu conteúdo (Pereira & Oliveira, 2007) em 12 a 15 palavras, não ultrapassando duas linhas (Koller et al., 2014). Ademais, o título do pôster deve permanecer o mesmo do resumo original que foi aceito no evento (Boullata & Mancuso, 2007).

Autor. Foster et al. (2019) indicam que a ordem de autoria no pôster deve ser igual à do resumo previamente submetido. Além disso, ao listar os autores, deve-se respeitar os critérios que justificam a atribuição de autoria segundo organismos internacionais (American Psychological Association [APA], 2019). Por exemplo, caso algum membro externo seja convidado para apresentar o painel no evento, ele ainda não se configura como autor, mas é justo que sejam inseridos os devidos agradecimentos por sua participação.

Informações complementares. De acordo com a NBR 15437 (ABNT, 2006), informações complementares compreendem "nome da instituição de origem, cidade, estado, país, endereço postal e/ou eletrônico, data e demais informações relevantes" (p. 2). Koller et al. (2014) ressaltam a importância de incluir informações de contato dos autores, uma vez que é a partir disso que os interessados poderão construir

intercâmbios. Além disso, segundo Foster et al. (2019), pôsteres devem também, listar todas as fontes de financiamento para a pesquisa e sua apresentação, quaisquer conflitos de interesse dos autores e os números de registro do estudo, em agências ou instituições de pesquisa, caso existam.

Resumo. De um modo geral, não é necessário incluir o resumo no pôster, pois ele será publicado nos Anais do evento (Foster et al., 2019). De todo modo, fique atento às normas do evento, pois pode haver exceções.

Corpo ou conteúdo. O corpo ou conteúdo do pôster é compreendido por introdução, desenvolvimento e conclusão. A composição de cada um desses elementos varia de acordo com a natureza e as particularidades do trabalho (Carmo & Prado, 2005). O uso de citações diretas e notas de rodapé deve ser evitado (ABNT, 2006).

A introdução deve ser concisa e clara, indicando lacunas na pesquisa, bem como elementos de relevância (Pereira & Oliveira, 2007). Em seguida, vêm a razão para conduzi-la, a justificativa dos objetivos e as questões que se pretende responder.

Quando se trata da apresentação de trabalho originado por pesquisa empírica, o desenvolvimento é dividido entre as seções método, resultados e discussão. No método, deve-se incluir a seleção e o perfil dos participantes, os passos utilizados na coleta dos dados, os instrumentos e os procedimentos de coleta e análise dos dados (Koller et al., 2014). Os resultados compreendem a parte principal do trabalho e, segundo os autores supracitados, apresentam a contribuição da pesquisa para o avanço do conhecimento. São preferíveis tabelas, gráficos, imagens, ilustrações etc., pois, há um consenso na literatura acerca da parcimônia no uso de texto, com emprego mais abundante de ilustrações (Pereira & Oliveira, 2007). Por fim, a discussão deve ser embasada pelos resultados e sustentada por eles, dialogando com as hipóteses da pesquisa e com a literatura da área. Ela será enriquecida contendo considerações sobre a relevância dos achados, suas aplicações e implicações para futuras pesquisas (Koller et al., 2014).

A conclusão deve conter as deduções lógicas baseadas e fundamentadas no estudo, que são as respostas às perguntas de pesquisa, podendo ser descrita na forma de sentenças curtas (Koller et al., 2014), por ordem de relevância (Pereira & Oliveira, 2007). De maneira geral, a conclusão apresenta os elementos centrais da pesquisa de maneira objetiva e concisa, evitando-se a repetição de informações.

Referências. Sobre as referências, de acordo com a NBR 15437 (ABNT, 2006), elas devem ser elaboradas tendo como referência a NBR 6023 (ABNT, 2021) e usadas com moderação (Koller et al., 2014). Além disso, elas devem ser pertinentes e atuais (Pereira & Oliveira, 2007). Por fim, cada evento costuma apresentar diretrizes a serem seguidas, fornecendo, inclusive, modelos (*templates*) para isso.

Aspectos gráficos dos pôsteres. Woolston (2016) ressalta a importância de se deixar espaçamento entre os parágrafos maiores, dando ao público a chance de descansar a vista. O texto "deverá estar alinhado e sua disposição dentro do quadro de texto (alinhada à esquerda, justificada ou centralizada) deverá permanecer a mesma ao longo da apresentação" (Koller et al., 2014, p. 144).

Outro fator essencial para a produção de um pôster atrativo é a escolha das cores, na qual a distribuição harmônica garante um bom contraste entre o fundo e o primeiro plano (Carmo & Prado, 2005). Nesse sentido, é recomendado o uso de cores claras para o fundo e escuras para a fonte (Carmo & Prado, 2005; Koller et al., 2014; Pereira & Oliveira, 2007). Tons pasteis também são boas opções para o fundo (Miller, 2007).

Outra recomendação estética é que se escolha, no máximo, três cores, com vários tons de cada cor (Koller et al., 2014; Pereira & Oliveira, 2007); sendo também indicado o uso de cores complementares (Boullata & Mancuso, 2007). Tons brilhantes ajudam a enfatizar pontos-chave e resultados significativos e podem ser usados para os elementos gráficos e fotográficos (Miller, 2007; Pereira & Oliveira, 2007).

A respeito da organização dos elementos gráficos no pôster, lembre-se de checar se o evento define sua estrutura. De modo geral, a literatura indica que o título deve estar centralizado e posicionado na parte superior, seguido, logo abaixo, pelos nomes dos autores (Carmo & Prado, 2005; Koller et al., 2014; Pereira & Oliveira, 2007). O corpo do texto pode ser distribuído entre duas e quatro colunas (Woolston, 2016), a depender da orientação do pôster, vertical ou horizontal. Informações complementares, como filiação, cidade etc., podem ser incluídas tanto no cabeçalho quanto no rodapé ou nos cantos inferiores do pôster (Carmo & Prado, 2005; Koller et al., 2014; Pereira & Oliveira, 2007). As referências, quando necessárias, são incluídas ao final (Koller et al., 2014; Pereira & Oliveira, 2007).

A respeito da fonte, Guardiola (2002) e Medina (2008) informam que podem ser escolhidas até duas, devendo-se manter as mesmas ao longo do texto, por exemplo, para destacar títulos e subtítulos. O tipo e o tamanho da fonte devem ser escolhidos de modo que possibilitem a leitura a uma distância de pelo menos um metro (ABNT, 2006). Para a escolha do tamanho e do tipo da fonte não há um consenso na literatura. Recomendamos a adoção dos mesmos tipos de fonte adotadas nos *slides* (Arial, por exemplo), sendo o título apresentado em tamanho 70 a 80, os nomes de autores e subtítulos de 40 a 50 e o texto do resumo e do conteúdo entre 35 e 45. Importa manter uma hierarquia de tamanho na qual é dado mais destaque ao título, em seguida aos nomes dos autores e subtítulos e, por fim, ao texto do resumo e do conteúdo.

O mais importante, naturalmente, é proporcionar ao leitor uma leitura visualmente confortável. Para mais detalhes sobre esse aspecto, sugerimos Boullata e Mancuso (2007), Carmo e Prado (2005), Koller et al., (2014), Miller (2007), Pereira e Oliveira (2007) e Woolston (2016).

Gráficos, figuras e tabelas devem apresentar as informações de forma simples e clara (Koller et al., 2014), sendo os dois primeiros mais apropriados do que tabelas para a apresentação de resultados em um pôster (Pereira & Oliveira, 2007). Deve ser evitado que as informações apresentadas em um formato sejam meramente repetidas em outra. Por isso, sua escolha deve ser criteriosa. Sobre o uso de imagens, Woolston (2016) afirma que um pôster "impressionante" geralmente possui uma imagem de destaque, que pode, por exemplo, sintetizar o principal achado do estudo. Um detalhe adicional é que quadros e tabelas recebem o título acima, ao passo que gráficos, diagramas, fotos etc., têm o título disposto abaixo da figura (Carmo & Prado, 2005). Em pesquisa realizada por Young et al. (2019), concluiu-se que o formato tradicional de pôster baseado em texto, bem como outro baseado no formato infográfico, demonstraram clareza e compreensão semelhantes, mas o último é esteticamente mais atrativo para o público.

Programas para construção de pôsteres. O programa mais utilizado é o PowerPoint, da Microsoft (Koller et al., 2014; Woolston, 2016). Entretanto, Woolston (2016) desaconselha o seu uso sob o argumento de que ele não foi projetado para impressão. Koller et al. (2014) recomendam o InDesign e o Illustrator, ou ainda o CorelDRAW. Os autores também mencionam o PôsterGenius, desenvolvido especificamente para a construção de pôsteres científicos, com várias ferramentas que facilitam a elaboração de um. O Inkscape também é recomendado (Woolston, 2016). Uma ferramenta simples e gratuita é o Canva. Há, portanto, várias opções disponíveis, podendo-se escolher a que melhor atenda às suas preferências e necessidades.

Apresentação oral do pôster. Apesar de o pôster fazer uso principalmente da escrita e imagens (prioritariamente visual), seu uso não dispensa o recurso à oralidade. Por isso, o apresentador tem de estar bem-preparado para a apresentação oral do seu pôster (Woolston, 2016). Faça ensaios. É um ótimo recurso para se preparar e ficar em condições para dirimir possíveis dúvidas do público, sejam elas de natureza teórica, metodológica ou até política, pois elas vão surgir (Miller, 2007).

Apresentação por vídeo. Entre as possibilidades de divulgação científica visual, há o vídeo pôster. Trata-se do "produto de informação resultante de uma gravação e/ou reprodução de um trabalho com possibilidade de capturar e armazenar áudio, imagens estáticas e em movimento que traduza [...] o resultado científico de uma investigação" (Freitas et al., 2014, p. 237). Segundo os autores, a utilização de vídeo-pôsteres num evento científico garantiu a todos os expositores uma boa divulgação de seu trabalho.

PLATAFORMAS DE INTERAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A comunicação científica por meio de apresentações orais e pôsteres apresentam limitações, como a restrição de tempo, bem como o grande número de pôsteres expostos simultaneamente em uma sessão, respectivamente. Por essa razão, Rowe e Ilic (2015) questionam a eficácia das conferências tradicionais na disseminação de informações e na facilitação de interação entre profissionais. Esses autores, entendem que são necessárias mudanças na forma como eles são exibidos e que devem ser repensadas as maneiras pelas quais eles são disponibilizados para a comunidade.

Uma alternativa é a criação de plataformas de interação e divulgação científicas. Segundo Koller et al. (2014), há páginas na internet em que autores de pôsteres, geralmente com interesse de pesquisa em comum, compartilham seus e-pôsteres (pôsteres digitais) para receber ou oferecer contribuições. Além disso, Rowe e Ilic (2015) indicam que as organizações de conferências devem considerar expor previamente os e-pôsteres em seus *sites*, com o objetivo de aumentar os níveis de interação durante a sessão real, visto que os participantes teriam a oportunidade de conhecer os pôsteres antes do evento.

Koller et al. (2014) acrescentam que os e-pôsteres têm sido utilizados em algumas conferências internacionais. Nesses eventos, os trabalhos ficam disponíveis em computa¬dores para serem visualizados e para que os visitantes façam comentários por meio de área reservada dentro da plataforma. Entretanto, de acordo com Rowe e Ilic (2015), algo desvantajoso é que geralmente nessas situações o público tende a apenas ler, ao invés de também interagir diretamente com o autor, o que se revela um modo de exposição pouco eficaz.

Simone et al. (2000) conduziram uma pesquisa em que propuseram um sistema de organização de sessões de pôsteres, o *Digital Interactive Poster Presentation* (DIPP). O DIPP permite participação de um público maior, apresentação interativa e discussão mais efetiva de dados científicos. Além disso, as características desse sistema levaram os autores a concluírem que a experiência com o DIPP foi recebida com ampla e entusiástica aceitação pelo público, apresentadores e coordenadores do evento, tendo proporcionado o uso de tecnologias de comunicação e eficácia na interação entre expositores e público.

Ainda sobre a utilização da tecnologia para a divulgação científica, Woolston (2016) reafirma que algumas conferências permitem que os participantes disponibilizem seus pôsteres com vídeos em *tablet* ou dispositivo similar, ou também por meio da disponibilização de códigos de resposta rápida (QR *codes*). Esta estratégia possibilita que a

apresentação se torne múltipla, uma versão apresentada para todo o coletivo na audiência e outra de modo individual, em que cada participante pode usar seu próprio dispositivo para acessar o pôster.

Como exemplo do uso de QR *codes* em exposições de pôsteres, tem-se o trabalho desenvolvido por Rodrigues et al. (2019). Um PôsterQuiz contendo 150 perguntas com níveis de dificuldade variáveis foi desenvolvido por discentes e docentes de um curso de medicina e utilizado em um evento acadêmico. Os congressistas procuravam os QR *codes* espalhados pelo evento para ter acesso às questões dos totens por um período específico. Em seguida, viam os trabalhos expostos e, ao final, respondiam às questões e concorriam a premiações. Os autores concluíram "que o uso dessa nova tecnologia teve um resultado positivo para o congresso, visto que a criação de um desafio premiado promoveu benefícios intelectuais, como a aquisição de habilidades de leitura e o aprendizado de temas pouco retratados na faculdade" (p. 192).

Outra possibilidade é estender a exposição dos e-pôsteres para além da finalização dos congressos, por meio da criação de *sites* para divulgação e interação científica (Koller et al., 2014). Rowe e Ilic (2015), recomendam que, além das informações básicas do e-pôsteres (por meio de imagens, vídeos etc.), poderiam também inserir contatos de trabalho em uma comunidade científica digital e globalizada.

Tradicionalmente, as conferências são fechadas e pode ser difícil para os organizadores conceberem a disponibilização dos trabalhos em meio virtual, visto que muitos eventos são pagos. Entretanto, práticas de acesso aberto – tornar livre o acesso a todo o material científico gerado – são fundamentais para a ampliação da comunicação científica e, consequentemente, da própria ciência (Rowell & Ilic, 2015). Freitas et al. (2014), relatam um evento que inovou ao proporcionar, entre outras atividades, a adoção do formato de vídeo pôster e a adoção o acesso aberto aos trabalhos expostos, que foram disponibilizados em três diferentes canais no YouTube.

WEBCONFERÊNCIA

De acordo com Soares (2020), as webconferências, ou chamadas de vídeo realizadas via internet através de plataformas (programas e aplicativos), têm como características "a conversação interativa e em tempo real, a capacidade de compartilhar arquivos, aplicativos, telas do computador e outras ferramentas que auxiliam na condução de aulas, palestras, eventos, etc." (p. 7). Ainda que seu uso para produção de eventos científicos anteceda a pandemia de COVID-19, foi através da impossibilidade de eventos presenciais, durante a emergência sanitária, que cresceu a utilização de webconferências para comunicação científica.

Dentre as possibilidades de plataformas e programas para execução de eventos nessa modalidade, destaca-se a *live streaming (*transmissão em tempo real), que aumenta a capacidade máxima de participantes se comparada a uma sala física, sendo recomendada para palestras, congressos etc. (Soares, 2020). Um exemplo da utilização dessa modalidade é visto em Correia et al. (2021), que aborda o processo de virtualização da Semana Brasileira de Enfermagem durante a pandemia de COVID-19, no ano de 2020.

Segundo Correia et al. (2021), o evento contou com atividades programadas sem *streaming* (17 *lives* em redes sociais) e com *streaming* (os painéis, as conferências e as rodas de conversa); além disso, foi disponibilizada com acesso aberto (com divulgação no YouTube) e possibilitou interação científica, por meio por meio do *chat* no canal institucional no YouTube. O exemplo demonstra que nas webconferências também se fazem presentes a divulgação oral e a exposição de pôsteres, bem como do uso de tecnologias de comunicação, plataformas de interação e divulgação científica e de acesso aberto.

Portanto, as recomendações anteriores para a comunicação oral (necessidade de planejamento, cuidados com o tempo, uso de slides, uso adequado da linguagem etc.), e para a divulgação de pôsteres e e-pôsteres são válidas aqui também. Além disso, compreende-se que essa modalidade maximiza as possibilidades de facilitação de acesso aberto, bem como do uso de plataformas de interação por meio de bate papos, fóruns, espaços destinados para o público inserção de comentários etc.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA) NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Consideramos que o quadro até aqui apresentado não seria suficiente, caso não discutíssemos um pouco sobre o uso de Inteligência Artificial (IA) no âmbito da comunicação científica. Destacamos que, com o surgimento dos *Large Language Models* (LLM), baseados na arquitetura de rede neural denominada de *Transformer* (Vaswani et al., 2017), começamos a testemunhar o surgimento de *chatbots,* dentre os quais destaca-se o ChatGPT-3, desenvolvido pela OpenIA, capazes de conversar com o usuário como se fosse um ser humano. Esse tipo de IA consegue realizar tarefas como esclarecer uma dúvida, resumir um conjunto de ideias, produzir um texto ou, como é o caso do DALL-E, criado pela mesma empresa, gerar imagens a partir de comandos textuais.

No âmbito científico, essa tecnologia pode ajudar o pesquisador a, por exemplo, conduzir revisões de literatura, examinando múltiplos textos, para extrair deles perguntas de pesquisa que ainda precisem ser investigadas ou uma visão geral sobre o conhecimento científico existente. Além disso, podem ajudar na elaboração de referências bibliográficas e

no esclarecimento de dúvidas relacionadas a termos técnicos, normas de formatação, boas práticas científicas e significados de trechos de texto em outra língua, bem como podem fornecer dicas de como um texto escrito pelo usuário pode ser aperfeiçoado (Gao et al., 2023; Salvagno et al., 2023). Porém, além dos pontos positivos, existem também aqueles negativos. O primeiro deles está relacionado com limitações da tecnologia, pois IA's como o ChatGPT, podem "alucinar", o que significa fornecer informações que foram criadas pelo *chatbot,* mas que não correspondem à realidade (Alkaissi & McFarlane, 2023). Um exemplo é a geração de referências a artigos que não existem. Além disso, os textos e imagens gerados pela IA não são acompanhados de indicações das fontes consultadas para elaborá-los, o que cria um problema de confiabilidade e de direitos autorais.

Face a esses pontos negativos, cientistas têm se questionado sobre como proceder, uma vez que, por enquanto, qualquer pessoa pode usar gratuitamente o ChatGPT-3 para produzir textos e usá-los como de sua autoria. Estudo preliminar, com resumos científicos gerados pelo ChatGPT, sugere que eles não são identificados como plágio por *softwares* específicos para essa finalidade, mas, geralmente, são detectados como textos gerados por IA por ferramentas como o GPT-2 *Output Detector* ou por revisores humanos (Gao et al., 2023). Naturalmente, alguns textos não são identificados seja por *software* ou humanos. O que vemos nas políticas editorais de periódicos como o *Science*, e que recomendamos, junto com os exemplos de auxílios ao pesquisador que exemplificamos no parágrafo anterior, é que uma IA não deve ser usada para a produção de texto ou imagem e não pode ser indicada como autora ou coautora de estudo científico, cabendo apenas seu emprego como ferramenta, que deve ser descrita no método do estudo, para a realização de tarefa concernente ao objetivo da pesquisa (Thorp, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho é uma atualização do texto de Carmo e Prado (2005), o qual é um dos mais citados da Revista Interação em Psicologia. Isso nos dá alguma medida da importância do tema, razão pela qual decidimos produzir esta nova versão. Trata-se de considerações sobre a comunicação científica, com orientações sobre a preparação e produção de comunicações orais e painéis, inclusive com o uso de recursos tecnológicos atuais.

Partimos do princípio de que, assim como na pesquisa científica, a comunicação também conta com métodos, havendo padrões e normas que definem a estrutura de apresentação das informações, visando garantir a qualidade dos documentos e sua apreciação pela comunidade científica, de modo que esta possa avaliar a consistência entre objetivos propostos, o método adotado, os resultados alcançados e as conclusões extraídas.

Foram apresentadas recomendações sobre a organização de apresentações orais com apoio de recursos visuais e sobre a confecção de pôsteres, tendo sido abordados o uso de normas técnicas, cuidados com a qualidade do material a ser apresentado e o uso da linguagem. Também foram feitas sugestões sobre cuidados com respeito à ética e, para além do uso de recursos convencionais, não poderíamos deixar de considerar as possibilidades oferecidas pelos recursos digitais.

O avanço tecnológico expandiu as possibilidades da comunicação científica para o modo virtual. Por isso, julgamos pertinente abordar recursos como apresentação por vídeo, plataformas de interação, webconferência, levando em consideração também aspectos como IA, softwares disponíveis, suas possibilidades e limitações, respeito aos direitos autorais e às normas a serem observadas.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue

R.V.B.G e M.H fizeram a redação inicial do artigo (rascunho); J.S.C. e P.S.T.P foram responsáveis pela redação final (revisão e edição).

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflito de interesse neste artigo.

REFERÊNCIAS

Alkaissi, H., & McFarlane, S. I. (2023). Artificial Hallucinations in ChatGPT: Implications in Scientific Writing. *Cureus*, *15*(2), 1-4. https://doi.org/10.7759/cureus.35179

American Psychological Association. (2019). *Manual de publicação da APA* (6ª ed.). Penso.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2006). *NBR 15437*: Informação e documentação - Pôsteres técnicos e científicos - Apresentação. Rio de Janeiro.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2021). *NBR 6028*: Informação e documentação — Resumo, resenha e recensão - Apresentação (2ª ed.). Rio de Janeiro.

Barbosa, J. S., Silva, L. C. O., & Silva, H. O. P. (2010). A recuperação de informação em trabalhos apresentados em encontros nacionais e regionais de estudantes de biblioteconomia, documentação, ciência e gestão da informação: uma proposta de utilização do programa open conference systems. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, *7*(2), 59-75. https://doi.org/10.20396/rdbci.v7i2.1957

Bezerra, C. C. (2014). *Pesquisa científica na graduação em enfermagem: experiências das práticas discentes nas Universidades de Manaus - Amazonas*. [Dissertação de Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal do Amazonas].

Boullata, J. I., & Mancuso, C. E. (2007). A "How-To" Guide in Preparing Abstracts and Poster Presentations. *Nutrition in Clinical Practice*, *22*(6), 641-646. https://doi.org/10.1177/0115426507022006641

Brasil. Lei no. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm

Carmo, J. S., & Prado, P. S. T. (2005). Apresentação de trabalho em eventos científicos: comunicação oral e painéis. *Interação em Psicologia*, *9*(1), 131-142. https://doi.org/10.5380/psi.v9i1.3293

Correia, L. M., Rafael, R. de M. R., Neto, M., Prata, J. A., & Faria, M. G. de A. (2021). Virtualização da Semana Brasileira de Enfermagem na pandemia de COVID-19: O ineditismo e o tangível. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *75*. https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1203

Crespo, I. M., & Rodrigues, A. V. F. (2011). Normas técnicas e comunicação científica: enfoque no meio acadêmico. *Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação*, *9*(1), 36-55. https://doi.org/10.20396/rdbci.v9i1.1918

Faria, I. M. F., Avelar, V. R., Marzano, A. C. S., Assis, A. L. M., Souza, C. D., Brito, L. S. O., Campolina, V. P., Nardelli, M. J. Santos, B. B., & Couto, C. A. (2019). Criação e Organização de Evento Acadêmico Médico: I Encontro Acadêmico de Gastroenterologia de Minas Gerais. *Revista Médica de Minas Gerais*, *29*(Supl 4), 16-22. https://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20190035

Ferreira, A. C., dos Santos, E. R., & Rosso, A. J. (2011). Indexadores de pesquisa: títulos e palavras-chave do IX e X Encontro Paranaense de Educação Ambiental, EPEA-PR. *Educação: Revista De Educação Ambiental*, *15*(1), 125–138. https://www.periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1008

Foster, C., Wager, E., Marchington, J., Patel, M., Banner, S., Kennard, N. C., Panayi, A., & R Stacey, R. (2019). Good Practice for Conference Abstracts and Presentations: GPCAP. Research Integrity and Peer Review, *4*(11), 1-11. https://doi.org/10.1186/s41073-019-0070-x

Freitas, M. C. D., Schmid, A. L., & Tavares, S. F. (2014). Estratégia na Comunicação Científica na Forma de Vídeo-Pôster. In: Teixeira, A., & Borba, D. (Eds), Administração, Direito e Tecnologia a serviço da Cidadania. (1ª. Ed., pp. 220-246). Centro de Estudos da Contemporaneidade. https://doi.org/10.6084/M9.FIGSHARE.1101708

Gao, C. A., Howard, F. M., Markov, N. S., Dyer, E. C., Ramesh, S., Luo, Y., & Pearson, A. T. (2023). Comparing scientific abstracts generated by ChatGPT to real abstracts with detectors and blinded human reviewers. *Npj Digital Medicine*, *6*(75), 1-5. https://doi.org/10.1038/s41746-023-00819-6

Gomes, C. M. (2014). Comunicação científica: Alguns alicerces teóricos. *Mediação*, *16*(18), 220-246. https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/2129

Guardiola, E. (2002). El póster, una forma de presentación eficaz en un congreso. *I Congreso Nacional de Bibliotecas Públicas,* Valencia, Espanha.

Harolds, J. A. MD. (2012). Tips for Giving a Memorable Presentation, Part IV: Using and Composing PowerPoint Slides. *Clinical Nuclear Medicine*, *37*(10), 977-980. https://doi.org/10.1097/RLU.0b013e3182614219

Karamzadeh, A. M., Wong, B. J., & Crumley, R. L. (2009). A cost-benefit analysis and method of creating high-quality pôsters for a low cost. *Laryngoscope*, *112*(1), 21-2. https://doi.org/10.1097/00005537-200201000-00004

Koller, S. H., Couto, M. C. P. de P., & Hohendorff, J. V. (Eds.). (2014). *Manual de produção científica*. Penso.

Lacerda, A. L., Weber, C., Porto, M. P., & Silva, R. A. (2008). A importância dos eventos científicos na formação acadêmica: estudantes de biblioteconomia. *Revista ACB*, *13*(1), 130–144. https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/553

Longo, M. M., Ferreira, K. M., & Luz, M. R. M. P. (2009). Programa Brasil e a ciência jovem: semanas científicas em instituições de ensino e pesquisa como possíveis instrumentos de divulgação científica para alunos de ensino médio de baixa renda. *Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – VII Enpec. 7,* 1-12. http://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/encontros/enpec/viienpec/VII%20ENPEC%20-%202009/www.foco.fae.ufmg.br/cd/pdfs/404.pdf

Marchiori, P. Z., Adami, A., Ferreira, S. M., & Cristofoli, F. (2006). Fatores motivacionais da comunidade científica para publicação e divulgação de sua produção em revistas científicas. *Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias,* 14, 1-18. http://repositorio.febab.org.br/items/show/5245

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (Eds.). (2005). *Fundamentos de metodologia científica*. (6ª ed.). Atlas.

Martins, D. L. (2013). Mapeamento da produção científica e participação dos autores nos anais do ENANCIB: Uma análise a partir da correlação entre as redes de coautoria e redes de participação nos grupos de trabalho. *RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, *6*(2), 71-88. https://doi.org/10.26512/rici.v6.n2.2013.1788

Medina, J. (2008). Los pósteres científicos: Guía rápida para su elaboración. http://www.slideshare.net/fmedin1/cmo-elaborar-un-pster-cientfico

Miller, J. E. (2007). Preparing and Presenting Effective Research Pôsters. *HSR: Health Services Research*, *42*(1), 311-328. https://doi.org/10.1111/j.1475-6773.2006.00588.x

Moulton, S. T., Türkay, S., & Kosslyn, S. M. (2017). Does a presentation's medium affect its message? PowerPoint, Prezi, and oral presentations. *PLOS ONE*, *12*(10), 1-39. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0178774

Oliveira, C. T., Santos, A. S., Souto, D. C., & Dias, A. C. G. (2014). Oficinas de Elaboração de Comunicação e Escrita Científica com Estudantes Universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *34*(1), 252-263. https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100018

Pereira, C. U., & Oliveira, D. M. P. (2007). Produzindo um pôster científico. *Arq Bras Neurocir*, *26*(2), 64-71. https://doi.org/10.1097/00005537-200201000-00004

Ranse, J., & Hayes, C. (2009). A novice's guide to preparing and presenting an oral presentation at a Scientific Conference. *Journal of Emergency Primary Health Care (JEPHC)*, *7*(1). 1-8. https://doi.org/10.33151/ajp.7.1.151

Rodrigues, B. B., Morais, L. T. G., Manzi, P. S., Teles, I. F., Lisboa, K. O., Ramos, N. V., Machado, R. F. G., & Sugita, D. M. (2019). Pôster Quiz como Estratégia Inovadora na Exposição de Trabalhos em um Congresso de Educação Médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, *43*(4), 187-192. https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n4RB20190079

Rodrigues, F. M., Santana, A., Langhi, R., Briccia, V. (2018). Abordagem de temas astronômicos para professores do ensino fundamental: Uma discussão acerca dos elementos necessários para o processo de formação teórico-prática. *V Simpósio Nacional de Educação em Astronomia – V SNEA*. Londrina, PR. https://sab-astro.org.br/eventos/snea/v-snea/atas/comunicacoes-em-paineis/cp52/

Rowe, N., & Ilic, D. (2015). Rethinking poster presentations at large–scale scientific meetings – is it time for the format to evolve? *FEBS Journal*, *282*(19), 3661-3668. https://doi.org/10.1111/febs.13383

Rust, N. M., & Bernardo, F. G. (2016). O Instituto Benjamin Constant como instituição disseminadora de pesquisa científica na área da deficiência visual. *Benjamin Constant*, *22*(edição especial), 6-20. https://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/337

Salvagno, M., Taccone, F. S., & Gerli, A. G. (2023). Can artificial intelligence help for scientific writing? *Critical Care*, *75*(27), 1-5. https://doi.org/10.1186/s13054-023-04380-2

Simone, R. D., Rodrian, J., Osswald, B., Sack, F-U., Simone, E. D., & Hagl, S. (2001). Initial experience with a new communication tool: the 'Digital Interactive Poster Presentation'. *European Journal of Cardio-thoracic Surgery*, *19*(6), 953-955. https://doi.org/10.1016/S1010-7940(01)00694-7

Soares, I. R. (2020). *Webconferências: os momentos síncronos na prática! Instituto Federal de Goiás*. Pró-reitoria de Ensino: Diretoria de Educação a Distância, Instituto Federal de Goiás.

Thorp, H. H. (2023). ChatGPT is fun, but not an author. *Science*, *379*(313), 313. https://doi.org/10.1126/science.adg7879

Volpato, G. L. (2010). *Dicas para redação científica*. Cultura Acadêmica.

Woolston, C. (2016). Lead the poster parade. *Nature*, *536*(7614), 115-117. https://doi.org/10.1038/nj7614-115a

Young, J., Bridgeman, M. B., & Hermes-DeSantis, E. R. (2019). Presentation of scientific poster information: Lessons learned from evaluating the impact of content arrangement and use of infographics. *Currents in Pharmacy Teaching and Learning*, *11*(2), 204–210. https://doi.org/10.1016/j.cptl.2018.11.011

NOTAS

1. Recurso interativo alocado no pôster por meio de um QR-Code, no qual a audiência responde questões sobre o conteúdo do pôster.

2. A escolha pelas normas da ABNT se deve ao fato de que ela explicita diretrizes para construção de pôster e comunicações orais. No entanto, podem ser utilizadas outras normas (APA ou Vancouver, por exemplo), a depender da indicação de cada evento.

Recebido em: 22/12/2023
Primeira decisão editorial em: 09/03/2025
Aceito em31/05/2025